

Aspectos da vida orfeónica

Ouvindo dois orfeonistas

por Barrote Júnior

É próprio da natureza humana acreditar menos naquilo que vê, do que naquilo que lê, escrito em letra de forma...

Não fosse assim, e, certamente, pouca gente haveria que não olhasse com simpatia — e a maior admiração — os agrupamentos orfeónicos, verdadeiros núcleos de almas puras que vicejam em plena beleza, em meios confinados pelas letais influências da vida material dos centros populares, das asperezas da luta pela vida que tudo assoberba e confunde, erguendo para o alto, para a luz, o seu anseio de perfeição.

Quem desconhece o que é e como decorre a vida orfeonista adentro do Orfeão do Porto, não pode conscientemente e com justiça, formular uma opinião, ainda que procure torná-la bem favorável. Imagine-se um agrupamento de boas vontades, estreitamente unido por um anseio comum, consagrado à sublime arte do canto.

Mocidade em flor, corações generosos, palpitantes, a trasbordar de amor. Amam a Natureza em tudo quanto contém de grandioso e belo. O encanto das suas paisagens, a poesia de um lago

de margens matizadas de flores. A graça das avezitas que saúdam o festival da Primavera. A música avassaladora do mar e a canção embaladora dos arroios e das fontes. Corações que não cessam, em cada pulsação, de criar umas afeições, que vibram a cada novo sentimento e são fontes inesgotáveis de amor!

É esta a mocidade orfeonista, a mocidade que canta para assim dar voz ao próprio coração e deixar respirar a própria alma.

É, esta, a mocidade que pode encontrar o meio de vencer a dolorosa inquietação dos espíritos jovens, quais pobres e indefesas borboletas irresistivelmente, inconscientemente atraídas, tantas vezes, para a chama devoradora, quando procuravam, tão somente, a luz. Mocidade

que, dando razão a Schopenhauer, encontrou na arte uma bela flor nascida na sua vida e logo procurou cultivá-la e desenvolvê-la, para a suavizar com a graça da sua forma, o encanto da sua cor e a delícia do seu perfume.

* * *

Quando, numa tarde morna deste Outono entramos na sede do Orfeão do Porto para colhermos algumas impressões entre os orfeonistas, na intenção de obtermos elementos para « algumas linhas » que nos haviam sido solicitadas, todo o nosso pensamento percorreu larga distância, no tempo e no espaço, na evocação de orfeões e de orfeonistas que conhecemos mais de perto, no Porto como fora e longe do Porto. E foi em razão desse rápido, sumariíssimo exame retrospectivo que concluimos pela opinião acima tão mal expressa, mas tão sincera, tão convicta.

Havia, no Orfeão do Porto, alguns orfeonistas que ali estavam por simples acaso. E, naturalmente, procuramos ouvir os mais antigos, uma orfeonista e um orfeonista, ambos simpatiquíssimos.

E como as senhoras devem ter sempre precedência sobre os homens, foi aquela a que primeiro abordamos.

D. Virgínia Pereira Leite, que desde 1942 pertence ao coro feminino, apresentou-se-nos com cativante benevolência. A seu lado, estava outro orfeonista dos mais dedicados, o Snr. António Pinto da Silva, que desde 1932 pertence ao coro masculino.

Um e outro confiaram-nos as suas impressões, recordações da sua vida orfeónica, através das quais nos foi fácil aquilatar da devoção com que ambos têm servido a Causa e, particularmente, o Orfeão do Porto.

D. Virgínia Leite, confia inteiramente, sem quaisquer reservas, no futuro da Instituição, ainda que, actualmente, seja bastante mais difícil recrutar entre a mocidade novos



D. VIRGÍNIA PEREIRA LEITE
DECANA DAS CORALISTAS DO
ORFEÃO DO PORTO



ANTÓNIO PINTO DA SILVA JÚNIOR
DECANO DOS CORALISTAS DO
ORFEÃO DO PORTO

elementos. Assim, diz-nos D. Virgínia Leite, o coro feminino do Orfeão do Porto já possuiu trinta executantes. Muitas casaram e, destas, poucas continuam ali. Actualmente, o número das componentes do coro feminino está reduzido a vinte. O Orfeão do Porto disfruta, aliás mui justamente, da fama de casamenteiro... A camaradagem que ali se estabelece, em ambiente de mútua estima, de respeito e boa compreensão, fomenta o estreitamento dos laços de amizade, de sólida, profunda amizade que culmina no casamento. Os bons espíritos encontram-se, mais do que em qualquer outra parte, nas lides orfeónicas que os eleva para as regiões do sonho e da beleza, embalando as almas — e inflamando os corações.

Na memória da nossa gentil interlocutora há recordações que se avivam durante a nossa entrevista. A apresentação do Orfeão no teatro Sá da Bandeira, em 1948. No teatro de Ovar. Em Lisboa, na memorável audição do Pavilhão dos Desportos.

E recorda números do repertório que maior êxito alcançaram: — a começar por «Barqueiros do Volga», «Foniculi - Foniculá», «Danúbio Azul», uma rapsódia de Filinto Nina, etc., etc.

Depois, após longa pausa que parece separar dois capítulos da história que nos evoca a distinta orfeonista, D. Virgínia Leite diz-nos, com um olhar mais vivo, reflectindo um súbito clarão de esperança:

— Quando, em Fevereiro do ano passado (1951), o *maestro* Vergílio Pereira assumiu a direcção do grupo coral, todos nós, orfeonistas, sentimos uma alma nova, o renascimento da confiança. Surpreendeu-nos, desde logo, a sua maneira de ensaiar, o seu método de ensinar, absolutamente diferentes de tudo quanto até então havíamos conhecido.

E com entusiasmo incontido:

— Os orfeonistas adoram-no! Disciplinador e carinhoso ao mesmo tempo. Sabedor como poucos. O nosso primeiro concerto, sob a sua direcção, no teatro Vale Formoso, apenas quatro meses depois de ele assumir a direcção do grupo coral, foi assinalado por um êxito completo. Apesar de, na quase totalidade, a massa coral ser composta de gente nova, que se tornou necessário ensinar desde o início, desde o A B C, a audição constituiu um acontecimento dos mais notáveis, do ponto de vista artístico, da história do nosso Orfeão.

A actividade orfeónica, interrompida durante algum tempo por motivo de doença do Prof. Vergílio Pereira, foi depois retomada sob a direcção do «maestro» César de Moraes, apresentando-se o Orfeão em conjunto com orquestra na audição da «Sinfonia de Abril», daquele «maestro», e que logrou, também, grande êxito.

Em princípio de Outubro p. p. retomou, o Professor Vergílio Pereira, a sua actividade. Os ensaios desde logo adquiriram um ritmo apreciável, não obstante o estado de saúde do «maestro» Virgílio Pereira não ser de molde a grande actividade. Ao fim de um mês, já tínhamos — diz-nos D. Virgínia Leite — quatro números ensaiados! Vergílio Pereira, com a competência, escrupulo e cuidado que põe em todos os seus actos, exige que os orfeonistas conheçam música. Por isso, dá-lhes lições intercaladas nos ensaios. Ele quer que os orfeonistas cantem e saibam o que cantam e como o devem cantar.

E o Snr. António Pinto da Silva, corrobora:

— Vergílio Pereira é exigente, mas todos nós compreendemos a necessidade de respeitarmos o que ele exige de nós. Isto, aqui, no Orfeão, é como uma família — a nossa segunda casa. Todos vivemos, aqui dentro, unidos num pensamento comum de engrandecimento da colectividade e, para isso, não nos poupamos a canseiras, a sacrifícios. Temos plena confiança no nosso «maestro» e, por isso, procuramos, sempre, corresponder ao que ele de nós exige e que bem sabemos ser para honrar o nome do Orfeão do Porto. Comporta, isso, às vezes, muitos sacrifícios, mas fica-nos a satisfação íntima do dever cumprido.

E conclue, o dedicado orfeonista, procurando responder a uma pergunta que lhe dirigimos:

— A presença, entre nós, do Prof. Vergílio Pereira traduz-se, já, numa sensível elevação do nosso nível cultural. Há já uma tendência para a música culta, para a polifonia clássica, tanto mais apreciada quanto melhor compreendida em toda a extensão da sua beleza. É uma escola em formação que, em pouco tempo, permitirá ensaiar os mais largos voos. É certo que ainda temos quem se mantenha agarrado à música ligeira e de feição popular. Mas a educação estética vai-se operando. Vergílio Pereira ensina, explica, esclarece e tudo se vai apresentando sob aspectos novos, totalmente diferentes, como se se descerrasse um espesso nevoeiro que encobria e furtava aos nossos olhos um mundo ignorado e de fantásticos encantos. Assim, dentro de pouco tempo, e sem que ponhamos totalmente de parte as músicas ligeiras, sempre necessárias para amenizar os concertos e satisfazer o gosto das plateias heterogêneas, poderemos apresentar-nos com programas nos quais a música séria, culta, terá lugar primordial.

Tais foram as impressões que os dois distintos orfeonistas nos confiaram. E por elas concluímos, sem esforço, que, sob a direcção do *maestro* Vergílio Pereira, vai o Orfeão do Porto viver uma fase das mais brilhantes da sua história.

Dr. José de Almeida e Silva

Se não houvesse o Orfeão do Porto, em todos os tempos, desde a sua fundação, a simpatia do meio nem a dedicação de amigos e associados, não teria ele realizado a obra que se lhe conhece e de que tão justamente se ufana.

Sempre se viu, também, que, além de amizade e dedicação, alguns sócios lhe têm dado, com o seu apoio material e moral, um pouco da sua própria vida, fazendo da Sede o seu lar espiritual.

O Snr. Dr. José de Almeida e Silva, distintíssimo profissional do foro portuense, tem sido, desde há longo tempo, o consultor jurídico da colectividade, com um desinteresse e uma eficiência que lhe conferem o direito a ser considerado um dos mais prestimosos associados do «velho» Orfeão do Porto.

Sem desprimor para quem quer que seja, permitimo-nos recordar aqui os seus serviços, para lhes dar o relevo que merecem.